



Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons 4.0. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

ARTIGO

Psicologia e resistência: entre o saber psiquiátrico e diagnóstico

Tainá Regina de Paula

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1319-9982>

Tiago Cassoli:

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9751-124X>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13924359>

Resumo:

As abordagens positivistas em psicologia têm endossado o discurso da distinção entre normal e anormal, contribuindo para a produção de diagnósticos fundamentados na ótica da psicopatologia e ancorados em manuais psiquiátricos. O poder psiquiátrico presente nessas vertentes psicológicas apoia-se em discursos patologizantes e em práticas que desconsideram as subjetividades. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo apresentar os achados da literatura acadêmica sobre a perspectiva de psicólogos críticos em relação ao diagnóstico psiquiátrico, isto é, as resistências. O método utilizado foi o cartográfico, por meio do mapeamento na base de dados SciELO. Foram utilizados os descritores 'diagnóstico AND psicologia', no período de 2020 a 2024, em publicações escritas em português, visando identificar as linhas de resistência tecidas pelo dispositivo da psicologia; o referencial teórico baseia-se nos escritos de Michel Foucault. Desse modo, psicólogos críticos, influenciados pelo pensamento marxista, foucaultiano e psicanalítico, têm fomentado a prática e a produção acadêmica, apresentando linhas de resistência como força e resposta inevitável ao poder majoritariamente exercido.

Palavras-chave: Diagnóstico; Poder disciplinar; Psicologia; Resistência.

Psychology and resistance: between psychiatric knowledge and diagnosis

Abstract:

Positivist approaches in psychology have endorsed the discourse of the distinction between normal and abnormal, contributing to the production of diagnoses based on the perspective of psychopathology and anchored in psychiatric manuals. The psychiatric power present in these psychological aspects is based on pathologizing discourses and practices that disregard subjectivities. In this context, the present study aims to present the findings of academic literature on the perspective of critical psychologists in relation to psychiatric diagnosis. The method used was cartographic, through mapping in the SciELO database. The descriptors 'diagnosis AND psychology' were used, in the period from 2020 to 2024 in publications written in Portuguese, aiming to identify the lines of resistance woven by the device of psychology; the theoretical reference is based on the writings of Michel Foucault. In this way, critical psychologists, influenced by Marxist, Foucauldian and psychoanalytic thought, have fostered academic practice and production, presenting lines of resistance as a force and an inevitable response to the majority exercised power.

Keywords: Diagnosis; Disciplinary power; Psychology; Resistance.

Introdução

O debate sobre o que é considerado funcionamento normal e anormal do sujeito ainda persiste no campo da psicologia, especialmente nas abordagens positivistas. Comportamentos e atitudes frequentemente classificados como disfuncionais, inadequados ou disruptivos — termos que indicam desvios da norma — são categorizados de forma distinta para fins de diagnóstico e tratamento, conforme as demandas identificadas. Entretanto, essa questão revela problemáticas relacionadas à rejeição das manifestações subjetivas e idiossincráticas, que são influenciadas pela cultura e pela sociedade em que o indivíduo está inserido.

A normalidade é uma construção social, não uma característica inerente à natureza humana, utilizada para situar, em um campo político e social, a capacidade do sujeito de direitos. Assim, a noção de normalidade refere-se à condição anterior ao surgimento da doença. Portanto, aqueles que não apresentam os atributos alinhados à norma são colocados à margem (Foucault, 1972). Algumas pessoas e suas experiências subjetivas podem divergir da norma estabelecida, sendo então rotuladas para que possam ser restauradas ao padrão esperado, ou seja, tornadas novamente normais.

Somos constantemente atravessados por questões normativas, mas quem é responsável pela produção dessa normalidade? Em suas obras Michel Foucault (1988; 1979; 1999) destaca as relações de poder como agentes produtores e controladores dos corpos. Essas relações de poder incidem diretamente sobre o corpo, exercendo funções táticas de controle e dominação; e, ao fazê-lo, produzem saberes. Assim, poder e saber estão intrinsecamente relacionados (Foucault, 1999). Além disso, a produção da normalidade é também uma construção socialmente mantida pelo poder, destinada a controlar corpos e conhecimentos, punindo aqueles que a ela não se conformam.

Em contraponto ao poder, a resistência se apresenta como uma estratégia, tanto de fuga quanto de enfrentamento. Ela só pode ser encontrada no interior das relações de poder por meio do processo de transformação da situação na qual está inserida, e envolve a atuação como sujeito ativo e participativo. Resistir não é simplesmente dizer não ou ter um pensamento contrário; é não se submeter às normativas impostas socialmente pela instituição disciplinar (Alves, 2017).

Durante o processo de formação em psicologia, é possível que o sujeito seja influenciado a reproduzir noções patologizantes, muitas vezes sem um pensamento crítico. A patologização atua como uma forma de violência contra as pessoas, pois desconstrói seus direitos e desconsidera sua individualidade, seu modo de agir, pensar, sentir e ser afetado, além de transformar conflitos coletivos — de ordem social — em déficits individuais — de ordem biológica — (Moysés e Collares, 2020). Nesse contexto, surge a questão central deste estudo: qual é o conteúdo das produções acadêmicas de psicólogos com perspectivas críticas em relação ao diagnóstico psiquiátrico, o conteúdo das resistências? Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa de dissertação em andamento, intitulada 'Influência do saber psiquiátrico na formação em psicologia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

O poder disciplinar

A disciplina, enquanto mecanismo de poder e de produção de dispositivos, tem a capacidade de “capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar

os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEM, 2009, p. 40). Ela atua como uma regulamentadora presente em instituições, leis e estruturas arquitetônicas. Sua função é transformar os sujeitos em seres dóceis por meio do controle comportamental e moral, fazendo com que os corpos se tornem ordenados, obedientes e alinhados às regras estabelecidas. Como destaca Alves (2017, p. 17) “O corpo, tornando-se alvo desse novo mecanismo de poder é treinado para ser útil e funcional”. Assim, a disciplina se manifesta não apenas como uma forma de controle, mas também como um meio de produzir e manter uma ordem social que privilegia a conformidade e a eficiência.

Através das técnicas de vigilância, a disciplina fabrica os sujeitos, pois, ao mesmo tempo em que os indivíduos são considerados objetos, também se tornam instrumentos desse processo. A disciplina não se configura como um poder excessivo, associado à repressão, censura e exclusão, mas como um poder modesto, calculado, silencioso e normativo. Trata-se de um poder produtivo que molda corpos, discursos e a própria sociedade, operando de forma estratégica no campo das forças e intrinsecamente ligado à formação do conhecimento. Dessa forma, o poder possui um caráter político, compreendido como uma prática social que se entrelaça nas relações cotidianas (Foucault, 1999).

Entre as técnicas disciplinares, destacam-se a vigilância, o controle e a correção. O interrogatório, enquanto instrumento de poder disciplinar, é amplamente utilizado pela psiquiatria, pois busca evidenciar que a loucura existia antes mesmo da manifestação visível da doença. A psiquiatria depende da confirmação do paciente para validar seu diagnóstico, solicita que ele reconheça e aceite sua ‘anormalidade’, uma vez que não há exames objetivos que comprovem os diagnósticos estabelecidos. Assim, o interrogatório não apenas rotula o sujeito como doente ou louco, mas também legitima o saber psiquiátrico, conferindo-lhe reconhecimento e autoridade (Foucault, 2006).

O poder psiquiátrico não se limita apenas aos sujeitos internados em instituições psiquiátricas, mas também se manifesta na sociedade em geral, ao definir o que é considerado comportamento normal ou anormal e distinguir condutas aceitáveis das desviantes, com base nas características nosológicas. Assim, como afirma Foucault (2006, p. 165), “o poder psiquiátrico é esse suplemento de poder pelo qual o real é imposto

à loucura em nome de uma verdade detida de uma vez por todas por esse poder sob nome de ciência médica, psiquiatria”.

Não obstante, na psicologia, o poder psiquiátrico se reflete na aceitação e aplicação dessas normas e classificações por parte de alguns profissionais. A influência dos manuais diagnósticos, como DSM - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (APA, 2014) e o CID - *Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (OMS, 2021), molda a forma como os psicólogos percebem e tratam o sofrimento psíquico. Tais normas estabelecem padrões que orientam não apenas a prática clínica, mas também a formação e a pesquisa no campo da psicologia.

Além da aceitação das normas e classificações, o poder psiquiátrico também se sustenta em técnicas e testes psicológicos que transmitem uma aparência de ciência inquestionável. Esses métodos são utilizados para disciplinar e regular os corpos dentro e fora das instituições, como escolas, organizações, meios de comunicação e famílias (Foucault, 1999; 2006). Assim, o poder disciplinar se manifesta através de práticas que reforçam a normatização dos comportamentos e a conformidade com os padrões estabelecidos.

Dessa forma, a psicologia, enquanto disciplina voltada para a compreensão e o tratamento da saúde mental e do comportamento, está intrinsecamente ligada às práticas e normas estabelecidas pelo poder psiquiátrico. Esse vínculo revela uma interdependência entre a psicologia e as categorias diagnósticas que, muitas vezes, orientam a atuação profissional e a construção de saberes na área. Assim, o poder psiquiátrico influencia não apenas o diagnóstico e tratamento de condições mentais, mas também a própria definição do que é considerado normal ou anormal, moldando as práticas e abordagens na psicologia contemporânea.

Para investigar as linhas de resistência na psicologia, adotamos o método cartográfico proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Este método, descrito em *Mil Platôs* (1995), visa mapear as redes e conexões não lineares, considerando todas as manifestações e interações presentes. A cartografia permite desvelar as forças e agenciamentos nos dispositivos sociais (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009).

A pesquisa consiste em um mapeamento da literatura acadêmica brasileira sobre psicologia, focando em temas de normalidade e diagnóstico. Para tal finalidade utilizamos a base de dados SciELO, com os descritores “diagnóstico” AND “psicologia”, para artigos publicados entre 2020 e 2024. Os trabalhos não produzidos por psicólogos ou estudantes de psicologia e os diagnósticos fora do campo das psicopatologias são excluídos. As análises são guiadas pela rede conceitual proveniente dos escritos de Michel Foucault e por autores que compartilham sua perspectiva filosófica.

Psicologias como resistência ao poder psiquiátrico

A resistência está profundamente conectada às formas de subjetivação e à condição de liberdade e autonomia do indivíduo. Esse conceito envolve o retorno ao próprio eu e à própria verdade, permitindo ao sujeito adotar uma postura ética e assumir seu discurso autêntico (Alves, 2017). Conforme Foucault (1979, p. 241), “Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder, tão invertida, tão móvel, tão produtiva quanto ele”. Essa perspectiva ressalta a necessidade de que a resistência não apenas se oponha ao poder, mas também se molde e se adapte de maneira igualmente dinâmica e criativa para ser eficaz na contestação do poder psiquiátrico.

Diferentes vertentes teóricas na psicologia emergem como formas de resistência à psicologia hegemônica, o que pode ser evidenciado pelo mapeamento das forças discursivas em torno do diagnóstico. A análise dos artigos revela que essas vertentes incluem abordagens fundamentadas na psicologia marxista, na teoria foucaultiana e na psicanálise. Essas pesquisas se distanciam do saber psicopatológico tradicional sobre o sofrimento psíquico, oferecendo perspectivas críticas que desafiam o entendimento dominante.

Os resultados da pesquisa revelam que o diagnóstico na psicanálise é descrito na literatura consultada como contraditório. Embora seja considerado essencial para a prática clínica, a literatura também enfatiza que a singularidade do sujeito deve prevalecer sobre os diagnósticos estruturados. Assim, há uma tensão entre a necessidade de

diagnóstico e a prioridade dada à individualidade do paciente (Brito, 2020; Nascimento e Vorcaro, 2020; Rosa, 2022).

De acordo com o estudo de Nascimento e Vorcaro (2020), Jacques Lacan não realizava diagnósticos de forma estruturada, mas criava termos e denominações, para descrever pacientes que não se encaixavam nos diagnósticos tradicionais. Embora outros profissionais pudessem facilmente rotulá-los como esquizofrênicos paranoides, Lacan usava essas formulações para orientar sua prática clínica, sem a intenção de adicionar novas categorias de diagnóstico. As autoras destacam que “o diagnóstico é um problema, um ponto de tensão para o psicanalista: ao pressupor a inserção do sujeito em uma classe, a essência categorial do diagnóstico constrange a análise, interessada na singularidade” (NASCIMENTO e VORCARO, 2020, p. 1).

Frequentemente, o saber psiquiátrico é previamente estabelecido para o paciente com uma clara finalidade, uma vez que as perguntas dirigidas já estão inseridas nas categorias predeterminadas (Foucault, 2006). Isso limita as respostas que o sujeito pode fornecer, de modo que seu sofrimento psíquico não é acolhido em sua totalidade. Assim, diagnósticos baseados em manuais como o DSM e o CID carecem de sentido por si só; torna-se necessário relacioná-los com as experiências e os sintomas individuais do paciente.

Ao analisar o artigo de Angel e Amaral (2023), as autoras assinalam que o DSM-V, ao descrever o Transtorno de Personalidade Narcisista, revela características que se distanciam de uma representação do sofrimento psíquico. As descrições fornecidas pelo DSM-V não capturam adequadamente a complexidade do sofrimento subjetivo e, em vez disso, refletem padrões disciplinares e morais que a sociedade busca normatizar como condições médicas. Segundo as autoras, “o mínimo que se pode dizer sobre tais quadros é que eles dizem muito mais a respeito de padrões disciplinares e morais que a sociedade tenta elevar à condição de normalidade médica” (ANGEL e AMARAL, 2023, p. 9). Esta crítica sugere que os critérios diagnósticos do DSM-V podem estar mais alinhados com as normas sociais e morais do que com uma compreensão genuína e empática do sofrimento psíquico.

Na análise de Fonseca e Martins (2024) sobre a representação da criança agressiva nos DSM, observa-se que a psiquiatria, como um dispositivo de poder-saber, instaurou

um ideal de docilidade infantil, esvaziando a dimensão subjetiva da criança de significado no contexto das sociedades neoliberais. Por conseguinte, o comportamento agressivo da criança pode ser interpretado como uma forma de resistência aos mecanismos de poder, como a escola e a família, que reprimem e exigem conformidade. De maneira semelhante, Foucault (2006), em *O Poder Psiquiátrico*, argumentava que os histéricos eram considerados os verdadeiros militantes da antipsiquiatria, utilizando sua condição como uma forma efetiva de resistência à opressão e à demência nos hospitais psiquiátricos.

A discussão sobre resistência ao poder disciplinar pode ser aprofundada através do conceito de ‘parresía’, conforme apresentado por Alves (2017) e desenvolvido por Foucault (2011) em *A Coragem da Verdade*. O conceito de ‘parresía’ refere-se à coragem de dizer a verdade sem disfarces ou omissões, e à prática dessa verdade com convicção. De acordo com Alves (2017), o ‘parresiasta’ é aquele que expressa e age de acordo com a verdade de forma transparente, desempenhando um papel tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. Segundo a autora, “A parresía é uma atitude, uma maneira de ser que se assemelha a virtude, apresenta um papel útil para o indivíduo e para a cidade. É caracterizado como uma modalidade do dizer verdadeiro” (ALVES, 2017, p. 69). Esse conceito é particularmente relevante para a crítica das intervenções hegemônicas e do controle biopolítico, como evidenciado pelo uso dominante do DSM.

De fato, conforme Ribeiro et al. (2020) e Angel e Amaral (2023), o DSM-V e outros manuais têm desempenhado um papel central na classificação e controle da subjetividade, que influenciam socialmente as concepções de sofrimento psíquico, com rotulações e uso excessivos de psicofármacos. Como afirmam Ribeiro et al (2020, p. 48), “a tarefa classificatória se tornou o escopo central da psicopatologia praticada a partir do DSM-V, que, na contemporaneidade, figura como o representante do discurso biologizante”. Essa perspectiva reforça a necessidade de formas de resistência que contestem essas práticas e promovam uma compreensão mais rica e humana do sofrimento psíquico, desafiando a hegemonia do discurso diagnóstico e as abordagens reducionistas.

Psicólogos que adotam a lógica da ‘parresía’ e se opõem ao uso de manuais diagnósticos como critérios definitivos para classificar o sofrimento psíquico

desempenham um papel de resistência significativo. Nesse contexto, esses profissionais se destacam por sua coragem de desafiar a hegemonia dos discursos diagnósticos, recusando-se a aceitar as categorias preestabelecidas que frequentemente reduzem a complexidade do sofrimento humano. Como Foucault (2011) observa, o parresista, ao contrário de se acomodar às normas estabelecidas, age para desvelar verdades que muitos preferem ignorar, enfrentando a cegueira moral e a complacência prevalentes na sociedade

A psicologia, enquanto formação acadêmica voltada para o ensino, não se enquadra diretamente no conceito de ‘parresía’, uma vez que o professor transmite um saber técnico que pode não refletir suas crenças pessoais. Por outro lado, o pesquisador psicólogo possui a autonomia para expressar suas convicções e valores, e sua pesquisa pode revelar verdades e princípios de conduta pessoais, desde que esteja comprometido com sua própria verdade. Nesse sentido, o mapeamento das publicações na psicologia pode ser considerado um exemplo de ‘parresía’, na medida em que busca desafiar e resistir às linhas de pesquisa hegemônicas, promovendo uma discussão crítica e autêntica.

Considerações finais

O poder disciplinar, conforme abordado por Foucault, permeia não apenas as instituições psiquiátricas, mas também se estende à sociedade em geral através da definição e normatização do comportamento. A psiquiatria, enquanto dispositivo de controle, impõe categorias diagnósticas que moldam e regulam a percepção do sofrimento psíquico. Manuais como o DSM e o CID desempenham um papel central na categorização e controle da subjetividade, e influencia a forma como o sofrimento é percebido e tratado. Essa prática normativa é refletida na psicologia, onde, muitas vezes, técnicas e classificações psiquiátricas são aceitas e aplicadas, além de contribuir para a formação e controle dos indivíduos.

No entanto, a resistência a essa normatização é possível e necessária. Conceitos como a ‘parresía’, descritos por Foucault são fundamentais para compreender como a resistência ao poder pode se manifestar através da autenticidade e da verdade, desafiando normas estabelecidas e oferecem uma forma de contestação que vai além da simples

oposição. Portanto, psicólogos que adotam uma postura crítica e se opõem ao uso rígido das normas diagnósticas exemplificam essa resistência, na busca de alternativas que reconheçam e valorizem a singularidade dos indivíduos. Assim, a resistência não só contesta o poder disciplinar, mas também oferece caminhos para uma prática psicológica mais inclusiva e empática.

Referências

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Santa Catarina: Argos, 2009.
- ALVES, D. B. **Corpo, disciplina e resistência em Michel Foucault**. Dissertação (Mestrado, Filosofia) UFPB/CCHLA/PPGF. João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11844/1/Arquivototal.pdf> . Acesso em 16 de set. 2024.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANGEL, C. de O; AMARAL, A. J. do. O poder (neuro)psiquiátrico: A psicopatologização do cotidiano na era do cérebro. **Psicologia e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 35, e262853, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35262853>. Acesso em 13 de set. 2024.
- BRITO, B. P. M. Transferência entre a crença e a certeza: contribuições ao diagnóstico. **Fractal: Revista de Psicologia**. Juiz de Fora, v. 32, n. 1, p. 3-11, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5603>. Acesso em 13 de set. 2024.
- FONSECA, F. L; MARTINS, L. P. L. Genealogia da agressividade infantil no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: o diagnóstico entre clínica e política. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 35, e210051, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e210051>. Acesso em 13 de set. 2024.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**. A vontade de saber. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da loucura na idade clássica:** a loucura dos homens, a loucura das obras. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir:** a história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **O Poder psiquiátrico.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II: Curso no collège de France.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MOYSÉS, M. A. A; COLLARES, C. A. L. Novos modos de vigiar, novos modos de punir: a patologização da vida. **Educação, Sociedade e Cultura.** [S.l.], n. 57, p. 31-44, 2020. Disponível em: <https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/view/11/8>
Acesso em 11 jan. 2024.

NASCIMENTO, C. L; VORCARO, A. Desmontagem do diagnóstico e orientação para o singular: apresentações de pacientes de Jacques Lacan. **Psicologia USP.** São Paulo, v. 31, e180084, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180084>.
Acesso em 13 de set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11).** 11 ed. Genebra: OMS, 2021.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. da. (Org). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, A. S; GONÇALVES, G. A; TEODORO, E. F; BATISTA, S. A; FERREIRA, P. H. E. Psicopatologia na contemporaneidade: análise comparativa entre o DSM-IV e o DSM-V. **Fractal: Revista de Psicologia,** v. 32, n. 1, p. 46-56, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i1/5674>. Acesso em 13 de set. 2024.

ROSA, M. D. Sofrimento sociopolítico, silenciamento e a clínica psicanalítica. **Psicologia: Ciência e Profissão,** Brasília, v. 42, e242179, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003242179>. Acesso em 13 de set. 2024.

Tainá Regina de Paula é graduada em psicologia pela UNIFIMES – Centro Universitário de Mineiros e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás.

E-mail: tainadpaula@hotmail.com

Tiago Cassoli é doutor em psicologia - psicologia e sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestre em psicologia pela Universidade Federal Fluminense e professor da Universidade Federal de Jataí.

E-mail: tiagocassoli@ufj.edu.br

Revisado em 20/09/2024
Publicado em 13/10/2024